

---

## *Homoerotismo no Cariri cearense: inscrições de um objeto em suas relações com o silêncio*

*Homeroticism in the Cariri region (Ceará):  
inscriptions of an object and its relations with silence*

***Roberto Marques\****

---

**Resumo:** A partir de dois documentos que tematizam as relações eróticas entre homens no Cariri cearense da década de 70 (séc. XX), reflito sobre a errática emergência do homoerotismo como prática e como identidade. Ao tomarmos as contribuições teóricas de Michael Pollak como articuladoras das ideias de identidade, silenciamento e marginalidade, faz-se possível opor sua noção sociológica de identidade a uma outra, dependente da reflexão de objetos a partir de suas dizibilidades e silenciamentos. Por fim, penso a partir de uma pesquisa sobre serviços de saúde voltados para pessoas com práticas homoeróticas, como tais silenciamentos aparecem na construção da pesquisa em ciências humanas e como tencionam a relação aparentemente óbvia entre identidade e política.

**Palavras-chave:** homoerotismo; identidade; silêncio.

**Abstract:** Taking as sources two documents that thematize erotic relationships between men in Cariri, in 70's, I reflect on the erratic emergence of homoeroticism as a practice and as an identity. By taking the theoretical contributions of Michael Pollak as an articulator of the ideas of identity, silence and marginality, it is possible to oppose the sociological notion of identity to one another, dependent on the reflection of objects from their forms of expression and silences. Finally, I think from a survey of health services targeted toward people with homoerotic practices, such as silencing appears in the construction of social science research and how they turn complex the apparently obvious relationship between identity and politics.

**Keywords:** homoeroticism; identity; silence.

---

\* Professor no Departamento de Ciências Sociais na Urcá. Doutor em Antropologia Cultural pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da IFCS/UFRJ. *E-mail:* enleio@yahoo.com.br

No Ceará não havia disso não. As práticas homoafetivas encontravam-se aquém da escrita. Não nomeadas. Inexistentes. É do roçar, não de corpos, mas de papel e pena que tal prática será partejada. Ironicamente, referendando lugares sociais bastante sólidos de produção de saber, a gênese do homoerotismo no Cariri se dará pelas mãos de um Padre: Padre Antônio de Alcântara que, em 1971, incluirá os encontros entre corpos masculinos na construção da memória da região.

Em artigo publicado na revista *Itaytera*, o autor caracterizará com riqueza de detalhes aquilo que classificará como psiquismo hermafrodita. Acompanhemos a descrição feita pelo Padre Alcântara:

Quando uma pessoa encarna em si Mercúrio e Vênus, temos a triste anomalia, denominada hermafroditismo. Esta anomalia, que afeta o físico, pode afetar também o psíquico. [...] quando seus caracteres são de apenas um sexo, e os desejos, os impulsos são do sexo oposto, temos o hermafroditismo psíquico. (1971, p. 33).

Para reforçar seu ponto de vista, o autor convoca Adler, psiquiatra vienense contemporâneo de Freud, a quem toma de empréstimo o termo que dá nome ao artigo e à descrição geral de seus sintomas: uma doença psíquica em que “tanto o homem como a mulher vivem insatisfeitos, querendo ser o que não são ou querendo o sexo que não têm”. (ALCÂNTARA, 1971, p. 33).

No entanto, antes que nos arvoremos em nos distanciar por demais da descrição feita então, cegamente apaixonados que somos pelas categorias sociais descritas no presente, acompanhemos um pouco mais a escrita de nosso autor.

Sua descrição da mulher é particularmente interessante. Nela, como poderemos perceber, o hermafroditismo psíquico encontra-se, por vezes, descasado das práticas entre membros do mesmo sexo ou do encontro entre pessoas de sexo diferente, sendo observável no campo da vontade, caprichos e desejos. Vejamos:

A jovem não quer casar “se não” com um homem em plena virilidade, “se não” com quem alimenta um amor platônico, ou não quer se casar “se não” com a condição de não ter filhos. Querem um marido que lhe dê toda a liberdade, que lhe satisfaça todos os desejos, *por onde se vê que é mulher e quer ser homem*. (ALCÂNTARA, 1971, p. 33, grifo nosso).

Vale a pena reforçar: a mulher que coloca sua satisfação como condição do convívio conjugal acredita-se homem, campo de atividade, caracterizando, portanto, o psiquismo hermafrodita. O autor arremata: “Muitas jovens não se casam porque não encontram um bom partido, isto é, não encontram um maricas que lhes satisfaçam todos os caprichos.” (ALCÂNTARA, 1971, p. 34).

Ora, então não é tão-somente do encontro entre corpos de sexo idêntico que fala Padre Antônio de Alcântara. Para ele, a essência do hermafroditismo psíquico é o deslocamento das relações de gênero, caracterizado pelo autor como doença psíquica: “É homem e quer ser mulher ou é mulher e quer ser homem. Suas intenções e desejos se chocam com a realidade biológica ou psíquica.” (ALCÂNTARA, 1971, p. 33).

Nesse amplo espectro de deslocamentos, o autor incluirá as relações entre homens:

Acham horrível? Eu também. Mas, por toda a parte se encontram esses horríveis, esses invertidos sexuais, insatisfeitos com o sexo que têm. O invertido, o sodomita, o nojento e baixo homossexualismo, afinal o hermafroditismo psíquico são manifestações de psiquismo hermafrodita. (ALCÂNTARA, 1971, p. 34).

De forma visionária, anos à frente de seu tempo, Padre Antônio de Alcântara elicia a ideia de uma prática homoerótica não vinculada a um caráter ou à natureza homossexual. No entanto, é certo, aos olhos do autor, tais deslocamentos “se chocam com a realidade biológica ou psíquica”. Parece dizer Pe. Antônio de Alcântara: são frutos de uma pulverização de fronteiras. Fronteiras de gêneros, fronteiras de espaços, mas ainda fronteiras entre o discurso moral, que localiza os sujeitos a partir de sua condição social, no caso, determinada pela vontade divina, e a cientificidade de Adler, convocado às pressas para obter uma inadimplência da capacidade da Igreja de organizar as práticas entre corpos.<sup>1</sup>

Essas penetrações desvirtuarão as realidades biológicas, psíquicas e espaciais, desnaturando espaços, sujeitos e práticas. Em tempos velozes, em que seara não haverá isso?

Reflitamos sobre tais ideias a partir de um segundo relato de práticas homoeróticas na mesma época.

Com o objetivo de mapear a emergência de novos sujeitos sociais no fim da década de 70 (séc. XX), Ceballos e Albuquerque Júnior recorrerão à

seção de cartas dos leitores do jornal alternativo *Lampião da Esquina*.<sup>2</sup> Nesse, se pode perceber a importância dos órgãos de comunicação alternativos na construção de “uma nova ‘dizibilidade’ e uma nova visibilidade para sujeitos até então ausentes do debate público”. (CEBALLOS; ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2004, p. 130). No entanto, como enfatizam os autores, tais cartas não constroem apenas sujeitos. Aproximam, de forma inequívoca, identidades de gênero e identidades locais. Constroem “uma nova imagem do espaço urbano”, possibilitando a emergência de novos atores em um novo cenário social. Ao mesmo tempo, “além de falar da existência de novos circuitos urbanos, tais cartas querem torná-los públicos àqueles que não pertencem ao seu circuito habitual de frequentadores”. (CEBALLOS; ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2004, p. 133).

Tais descrições são interessantes, sobretudo quando se referem a cidades nordestinas, espaços gestados sob o signo do masculino.<sup>3</sup>

No artigo citado, há um interessante relato sobre o Cariri:

Juazeiro do Norte, pra quem não sabe, é a terra do Padre Cícero. Fica no sertão cearense, tem 120 mil habitantes e um movimento intenso de romeiros durante todo o ano. Eu disse romeiros? Bom, cada um faz a romaria que merece, não é? A Praça de Capuchinos, em frente à belíssima Igreja de São Francisco, é a que está com tudo; é ali que se travam efêmeras amizades que costumam ser infinitas enquanto duram, e que incendeiam, com seus ardores, os matagais próximos. Perto da praça, nas tardes de sábado, num espetáculo incomum, num campo de futebol improvisado, alguns machões empedernidos jogam contra um time de bichas públicas e notórias. Dizem que o resultado do jogo é sempre empate. Pode? (LAMPIÃO DE ESQUINA apud CEBALLOS; ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2004, p. 137).

A descrição desses roteiros em jornais de circulação nacional, bem como a justaposição feita com o artigo do Padre Alcântara vem confirmar algumas ideias por nós desenvolvidas em trabalhos anteriores (MARQUES, 2004), em que afirmávamos poder localizar entre as décadas de 70 e 80 (séc. XX), os primeiros discursos não reativos à ideia de modernidade no Cariri. Como nos mostra o anônimo missivista, a construção desses novos cenários humanos no Cariri está intimamente relacionado a construção de novos canais de escoamento de signos, que pulverizam fronteiras, atravessam espaços, dando vazão a afetos de um novo tempo.

Como atesta um de nossos entrevistados, em pesquisa referente à década de 70 do séc. passado, na cidade do Crato:

Quando eu fui pra lá, que comecei a me envolver com o movimento artístico de Fortaleza, quando eu voltava pras férias, aí eu já estava me sentindo à vontade pra ir mesmo à Praça da Sé, sabe, escancarar mesmo... e a gente foi um movimento muito esc... (pausa). A gente fazia questão de escancarar.<sup>4</sup>

Legitimados os novos percursos existenciais, estabelecidos novos canais de deslocamento de signos, far-se-á possível a emergência desses sujeitos no Cariri. Ao invés de: *No Ceará não tem disso não*, de Luiz Gonzaga, teremos: *em toda parte se encontram esses horríveis, esses invertidos sexuais*, de Padre Antônio de Alcântara.

No entanto, tais afirmações demandam cautela. Aliadas a expressões utilizadas cotidianamente como *sair do armário*, *soltar a franga* ou *escancarar*, podem nos levar à falsa conclusão de que havia uma “franga” escondida, uma natureza homossexual latente no Cariri que, com as novas correlações de força, características da década de 70 do séc. citado, puderam vir à tona.

Ledo engano!

Homossexuais ou não, estamos e estaremos sempre sob o signo do silêncio. Nesse sentido, os objetos das ciências humanas serão sempre objetos parciais, alinhados entre memórias e palavras sem as quais se diluiriam, e se diluem sempre. Dessa forma, esses sujeitos emergentes na década de 70 citada, pouco ou nada tem a ver com as novas práticas homoeróticas no século XXI. Negar a existência de uma identidade homossexual é também negar que tal objeto possa ser percebido de maneira linear, com aproximações progressivas. Dessa forma, apreender o sujeito é também analisar a infinidade de silenciamentos nesse sujeito e ao mesmo tempo, pensar que a emergência de determinadas práticas e a constituição de clichês identitários nem sempre implicam a emergência de afetos.

Para Guatarri e Rolnik (1999), pelo contrário, a afirmação de uma suposta identidade social, instituída de forma a cristalizar sensibilidades a partir da localização dos sujeitos em uma imagem estática a ser incorporada, surgiria como lenitivo e não como fonte de expressão e potencialização de micropolíticas.

A seguinte passagem, ainda que um tanto longa, é especialmente clara quanto à estereotipização que impossibilita o potencial de desterritorialização do devir homossexual:

[...] quase já não se fazem (em todo caso, fazem-se cada vez menos), a não ser no mundo gay, noivinhas e esposas como antes (mulheres masoquistas e melancólicas, eternamente chorosas, à espera de serem agraciadas com o desejo de seu marido), nem amantes, putinhas (eternamente “produzidas” para conquistar e reconquistar o macho, deliciosas por seu sabor de transgressão), já que “pular a cerca” do casamento não constitui mais transgressão alguma; da mesma forma, já quase não se fazem maridos ou cafetões (homens eternamente fugitivos, “sadizando” as mulheres com sua ameaça de ausência, ou com sua ausência mesmo), a não ser no mundo gay: esse *macho man* segregando os homossexuais desmunhecados e travestis [...]. O que acontece é que, de um processo de existência que assim configurava seu contorno – triângulo marido/esposa/e a outra –, pouco a pouco só vai restando sua forma que, inflacionada e esvaziada pelo capital, é reconstituída em silicone ou em planejadas *mises-en-scène*. (GUATARRI; ROLNIK, 1999, p. 84-85).

Nessa perspectiva, agenciar afetos é agenciar devires subjetivos, em sua capacidade de transgressão e deslocamento, potencializar

esse poder secreto de embaralhar os códigos, subverter as regras do jogo e transpor ou deslocar os limites, sempre de outro modo, seja através de um devir-bicha, de um devir-negro, de um devir-nômade ou de um devir-louco, e ora assumindo um rosto estranho, ora ameaçador, sacrílego, herege, criminoso ou delirante. (PELBART, 1990, p. 134).

Distância da naturalização, distância da ideia de afirmação da identidade ainda que historicamente constituída.

Possivelmente tal perspectiva afaste as demandas do mundo *gay* de uma mera caricatura de si mesmo, diluindo sua relação com o *Kitsch* ou sua aura de plastificação e decadência. Para tanto, faz-se necessário romper a trama da identidade para que irrompam afetos, seja no campo dos gestos, da militância ou na prática de forjar sujeitos com palavras.

Albuquerque Júnior (2000), em uma expressão inventiva, compara a aparição do sujeito em ciências humanas com as possibilidades de um leque chinês que, a cada abertura, reorganiza seus matizes e figuras. Cada fio da trama, cada cor, cada ausência se reconfigura a partir do gesto de abanar o leque. Os objetos são, assim, um outro e o mesmo, guardadas as distâncias entre o evoluir da trama e as intenções da mão que empunha o objeto.

No entanto, ver o outro no mesmo é um desafio. Não apenas à nossa razão, a quem devotamos por vezes injustificada credibilidade. Um desafio que exige um equilíbrio fugidio na dinâmica entre intensidades, do pesquisador e do pesquisado, os vestígios disponíveis e suas relações com o tempo.

Abandonemos momentaneamente tais reflexões. Possivelmente, alguns trabalhos de Michael Pollak nos ajudem a refletir melhor sobre os destinos dessa dupla posição em relação aos objetos em ciências humanas e seu contraponto com o silêncio.

### **Alinhando territórios, práticas e gestos: identidade homossexual nos escritos de Michael Pollak**

O percurso de Pollak parece-nos bastante ilustrativo quanto às relações entre a ideia de uma identidade homossexual, a noção de silenciamento das memórias marginalizadas e a descrição dos objetos em ciências humanas.

Austríaco, radicado na França, Michael Pollak concentrou seus esforços como pesquisador na reflexão sobre o problema da identidade social em situações-limite. Em visita ao Brasil em 1987, o sociólogo realizou duas palestras que influenciaram de maneira contundente as pesquisas sobre memórias coletivas no País: “Memória, silêncio e esquecimento” (1989) e “Memória e identidade social” (1992).

Nelas, em oposição a Halbwachs, o autor enfatiza uma “perspectiva construtivista da memória” (1989, p. 4), em que os lugares sociais são tomados como posições conjunturais diante da disputa entre memória oficial e as vivências não expressas pela coletividade, a que o autor chamará “memórias subterrâneas”. Essas buscarão expressar-se, sobretudo, em momentos de conflito entre memórias concorrentes, em que se processa um sentido de revisão do passado e, portanto, uma reinvenção dos lugares sociais. Na ausência de escuta, essas vivências à espreita têm, no silêncio e nas redes de relações íntimas ou políticas, importantes aliados para sua perpetuação. Nas palavras do autor:

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o estado desejam passar e impor. (POLLAK, 1989, p. 8).

São as fronteiras do dizível, bem como a constituição de signos que estabelecem as relações de pertença que dotarão os membros dos grupos de sua identidade social. Portanto, em Pollak (1989, 1992) a identidade não é atributo, é dinâmica; não é conteúdo, é dizibilidade sempre passível de recalque e deslocamento.

Nesse aspecto, as duas questões fundamentais colocadas por Halbwachs (1990) preservam seu vigor nos escritos de seu interlocutor, a saber: a “reinterpretação do passado em função dos combates do presente e do futuro” e a definição da memória individual a partir da memória coletiva.

O interesse pela construção da identidade social em situações extremas tornará a homossexualidade masculina um tema recorrente na obra de Pollak. Nela, o autor critica a naturalização da homossexualidade, descrita como um “terceiro sexo” caracterizado por uma suposta atração por homens viris, traços fisiológicos específicos e ainda por uma porcentagem constante de homossexuais no tempo e espaço em relação à população global, características de uma suposta natureza, não de uma identidade homossexual.

Para o autor

a novidade da visão da homossexualidade que encontramos nos textos dos últimos quinze anos não está no fato de darem uma nova explicação [à homossexualidade], e sim no de abandonarem o problema da classificação e da explicação, e de deslocarem a problemática para a questão: “como vivem os homossexuais?” (POLLAK, 1985, p. 56).

Diz ainda que o interesse pelo modelo de vida homossexual se justifica pela distância existente entre as práticas sexuais e a procriação ou as obrigações da vida conjugal. Tal distância tornaria a caracterização da vida homossexual uma oficina da liberdade sexual, própria da sociedade contemporânea. Através desse modelo, poderíamos, portanto, contabilizar o “prazer que tem como unidade de base o orgasmo” e não as obrigações referentes à afetividade, conjugalidade ou procriação.



Pollak lança mão, portanto, de algumas hipóteses, citadas aqui de forma sucinta e somente quando úteis ao nosso argumento:

1) como toda *vida clandestina*, os encontros entre homossexuais buscam a

maximização do “rendimento” quantitativamente expresso (em número de parceiros e de orgasmos) e a minimização do “custo” (a perda de tempo e o risco de recusa diante dos avanços) [...]. Quanto mais um indivíduo é assumido sexualmente, menos ele aceitará cometer enganos [...], compreende-se então a importância dos sinais de reconhecimento e das encenações. (POLLAK, 1985, p. 59).

Para exemplificar tal aspecto, Pollak (1985) descreve vários jogos de sinais funcionais no cotidiano homossexual, partindo do pressuposto de que

a homossexualidade masculina é sem dúvida aquela cujo funcionamento mais lembra a imagem de um mundo no qual [...] há apenas “trocas de orgasmo por orgasmo” e que “as instituições-chave da vida homossexual são [...] os locais de paquera: bares, sauna, cinema e restaurantes especializados e parques”. (POLLAK, 1985, *passim*);

2) soma-se à necessidade de encenar suas opções, a necessidade do anonimato e o desejo de práticas diferenciadas em uma busca obcecada pela inovação. Nas palavras do autor: “Aqueles que têm o maior número de relações sexuais são também os que multiplicam suas práticas e seus espaços.” (POLLAK, 1985, p. 60);

3) sobre a relação fora dos guetos, Pollak afirma que, submetidos a uma socialização que conduz à vida heterossexual, são poucos os sujeitos que conseguem superar complexos de culpa ou ódio de si mesmos ou a esquizofrenização da gestão de sua vida. Levando, às vezes, a uma profunda ironia quanto ao seu próprio meio, às vezes, a uma postura definida como “bicha louca”, ou seja, “aquele que aceitou fazer tudo para corresponder à caricatura que dele fazem os que o oprimem”.

Mapeados os destinos possíveis para a identidade homossexual, o autor aponta os efeitos da busca de reconhecimento dos direitos civis por esse grupo.

Esse intento teria levado os militantes sexuais a uma imagem menos afetada, ressaltando os aspectos masculinos, em detrimento da feminilização de suas atitudes. “Nessa estratégia, o *coming out* do maior número e a proclamação pública da homossexualidade são consideradas indispensáveis.” (POLLAK, 1985, p. 70).

Como se pode perceber, ao discutir a gestão da identidade desse grupo minoritário, Pollak alia a identidade do grupo a imagens possíveis, contextuais, que, de maneira crescente, emergem redirecionando formas de expressão e a própria noção que os sujeitos possuem de si.

Assim, teríamos um conjunto de fatores implicados na gestão dessa identidade: o gueto e a vida urbana como espelhos (POLLAK, 1990, p. 28), a busca de uma “normalidade homossexual” (POLLAK, 1990, p. 31) a partir da inserção em “nichos sociais” favoráveis à realização de seus desejos; o afastamento, consciente ou não, da ordem heterossexual (POLLAK, 1990, p. 47), a fim de “adotar-se uma identidade coletiva através da estilização de sua diferença, indispensável à constituição de um poder de negociação que visa à promoção da integração social com respeito pelas diferenças”. (POLLAK, 1990, p. 39).

Dessa forma, acreditamos, Pollak se insere naquilo que Hall (1997) chamará de uma concepção sociológica de identidade, pautada em uma suposta sutura entre o mundo pessoal e o mundo público, estabilizando “tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e previsíveis”. (HALL, 1997, p. 12).

Só a partir dessa concepção de identidade é possível pensar-se que os grupos possam se aproximar ou se distanciar daquilo que são, ainda que esse deslocamento seja percebido como um processo histórico, conjuntural. A esse respeito, a citação a seguir é especialmente clara:

O problema que se coloca a longo prazo para as memórias clandestinas e inaudíveis é o de sua transmissão intacta até os dias em que elas possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do “não dito” à contestação e à reivindicação; o problema de toda memória oficial é o de sua credibilidade, de sua aceitação e também de sua organização. (POLLAK, 1989, p. 9).

Pensadas dessa forma, essas identidades à espreita tomam como modelo a identidade nacional que, a exemplo do que fazia Halbwachs, é vista pelo sociólogo suíço como o zênite de toda política identitária, como fica claro no fim da citação:

Para que emergja nos discursos políticos um fundo comum de referências que possam constituir uma memória nacional, um intenso trabalho de organização é indispensável para superar a simples “manipulação” ideológica por definição precária e frágil. (POLLAK, 1989, p. 9).

A partir dessa concepção de identidade, é possível compreender-se, ainda, a valorização que o autor realiza dos guetos e dos sistemas de sinais da vida homossexual como espelho privilegiado da afetividade entre homens, esquecendo, no entanto, da lição que nos ensinou Bourdieu (1989) de que a descrição de um espaço, grupo ou realidade social depende tanto de sua representação quanto de sua re(a)presentação, e que a autoridade do cientista social faz-se também estofa na constituição dessa realidade.

Sob esse ponto de vista, Pollak estaria convidando os homossexuais a serem sempre iguais a si próprios, suturando-os a um sistema de signos específico, que, das profundezas do silêncio, estrutura, segmenta e lhes confere identidade.

Tal ancoragem da reflexão sobre identidade, ao aliar sistemas de sinais, uma territorialidade e uma história, reproduz elementos da militância das décadas de 70 e 80 (séc. XX), quando o *coming out* surge como principal reivindicação do movimento homossexual.

No fim da década de 80 (séc. XX), no entanto, reivindica-se, dentre outros, o direito à diferença. Nesse sentido, trabalhos como os de Perlongher (1987), MacRae (1987) e Fry (1982) e, posteriormente, Costa (1992) são emblemáticos na tentativa de tratar a temática para além do gueto, interpretando as práticas não como reflexo de uma identidade, mas com oficinas da diferença. (GÓIS, 2003).<sup>5</sup>

No entanto, qual é o limite entre a vivência da diferença e a diluição dos sujeitos sociais? Que diferença seria possível em sociedades ainda amparadas pelas relações face a face, em que o anonimato não se faz aliado da revelação dos afetos? Se a vida urbana se delineia como principal palco das experiências homoeróticas, qual é a diferença possível em cidades de pequeno e médio portes?

## Encurralados entre o gueto e o silêncio

Longe de tentarmos dar conta da complexidade de tais questões, esboçaremos aqui algumas idéias a respeito levantadas por ocasião da orientação da pesquisa “Saúde Coletiva, Homoerotismo e Cidadania: avaliando a construção e prática dos serviços de enfermagem voltados a pacientes com comportamentos homoeróticos”. O percurso metodológico traçado visava a abordar os diversos atores sociais envolvidos na construção e na prática de políticas públicas voltadas a pessoas com comportamentos homoeróticos na cidade de Crato.<sup>6</sup> Nesse caso, ainda que tenhamos privilegiado uma metodologia compreensiva, a ausência de qualquer mapeamento anterior dos sujeitos contemplados pelo estudo em tela, fez-nos abrir mão do uso da metodologia de histórias de vida ou de entrevistas de profundidade. Decidimo-nos por uma metodologia mista, envolvendo três instrumentos de coleta diferentes, definidos a partir dos sujeitos abordados, a saber: partindo da hipótese que inexistia naquela ocasião qualquer serviço de saúde voltado a essa clientela na cidade, resolvemos interpelar todas as associações de apoio a homossexuais do Nordeste, a fim de descobrir se tal situação se repetia nos demais municípios e, em caso negativo, que tipos de serviço mobilizavam as políticas públicas voltadas para tal comunidade.

Sendo os profissionais de saúde responsáveis pela transformação das preocupações que atravessa a população local em políticas ou práticas efetivas, entrevistamos quatro profissionais da área, dentre eles um profissional vinculado ao Núcleo de Informação, Educação e Comunicação da Secretaria Municipal de Saúde e três profissionais do Ambulatório de DST/Aids do Centro de Especialidades da Cidade do Crato – CE, já que, como afirmam Pollak (1990), Parker (2002) e Green (2000),<sup>7</sup> a epidemia da Aids dará uma nova visibilidade à questão das práticas homoeróticas à medida que impõe a gestão das práticas a técnicos da saúde e a intelectuais, em nome da prevenção do “risco social”. Nesse sentido, os profissionais do ambulatório DST/Aids tornaram-se a única referência, na cidade, de atendimento a essa clientela, ainda que tal iniciativa, em princípio, se dê em nome da gestão do risco e não da promoção de saúde.

Por fim, construímos um questionário a ser distribuído a cem pessoas com comportamentos homoeróticos, residentes na cidade de Crato – CE, abordando as práticas de violência física e simbólica vivenciadas; a existência, ou não, de uma escuta para o devir-homossexual; e a existência e avaliação dos serviços de saúde existentes no município.

Os questionários deveriam ser distribuídos a dez respondentes que, em uma situação ideal para a pesquisa, levariam o questionário a outros nove respondentes. Dessa forma, a partir do método bola-de-neve, conseguiríamos abordar cem pessoas.

É importante observar que o uso de questionário permitiu a extensão da pesquisa a um campo de ação superior aos personagens usuais abordados nesse tipo de pesquisa, a saber, membros das camadas médias universitárias, representantes das profissões usualmente ocupadas por pessoas com comportamentos homoeróticos, ou seja, cabeleireiros, decoradores, faxineiros e outros, ou ainda, frequentadores de bares *gays*. Por outro lado, o fato de os novos aplicadores não receberem informações idênticas para a distribuição do questionário ocasionou um controle limitado na distribuição e nas respostas coletadas por esses colaboradores.

No presente artigo, não tentaremos apresentar os resultados obtidos a partir da pesquisa. Articulando as ideias apresentadas até aqui, interessamos discutir as múltiplas zonas de silenciamento enfrentadas em seus vários momentos. Acreditamos que tal levantamento permite uma reflexão sobre a impossibilidade de utilizar uma metodologia meramente descritiva apostando em uma suposta identidade homossexual dada. Referendamos, portanto, a impossibilidade de opor tais silêncios a um objeto imanente que seria necessário resgatar ou tirar do armário. Ao contrário, esses silêncios constituem a própria história errática desses objetos, obrigando-nos a trabalhar com zonas de interdição e indizibilidade, aproximando-nos não de sua construção, mas de sua multiplicidade.

Por outro lado, como tentaremos discutir futuramente, essa dispersão ou essa configuração identitária de início de século exige uma ação pública, uma ação capaz de contemplar a diversidade, sendo a própria escuta da diversidade uma ação promotora de saúde, na articulação das ideias de cidadania, processos de identificação e saúde coletiva. Começemos, então!

Se nos dispusermos a mapear silêncios, faz-se necessário visualizar afetos. Primeiramente em nós. Portanto, estabelecido o plano metodológico e, devo confessar, bastante mobilizados pelo fato de esse plano contemplar os vários sujeitos envolvidos na construção de políticas públicas, restava-nos iniciar a pesquisa.

O primeiro instrumento foi enviado a 14 entidades de apoio a homossexuais, ainda em dezembro de 2004. No fim de um mês, não obtivemos nenhuma resposta. Tomamos a iniciativa de enviar cartas para tais instituições, não mais *e-mails*. Inútil.

Não é difícil pensar nos motivos que levariam tais entidades a ignorar a correspondência. A falta de profissionais ou mesmo a pouca articulação de militantes, a priorização de serviços voltados ao público usual e não para pesquisadores universitários que implicam mais trabalho e, não obrigatoriamente, novos ganhos financeiros ou políticos para tais entidades parecem-nos hipóteses bastante razoáveis. Assusta-nos, no entanto, a ideia de que tais hipóteses, verdadeiras ou falsas, tenham sido acatadas por todos os grupos unanimemente. Estarão todos eles em um mesmo patamar de organização, com ausência de pessoal e sem secretaria efetiva? O trabalho de todas essas entidades será tão homogêneo que nenhuma delas estabelece como estratégia o atendimento a público externo?

Seja qual for a resposta, tal reflexão nos fez adotar uma nova abordagem, a saber, buscar as lideranças locais e refletir a respeito de seu estado de mobilização.

O Sindicato de Apoio à Cidadania de Homossexuais, na cidade de Crato, e a Associação de Defesa da Cidadania de Homossexuais, na cidade de Juazeiro do Norte, foram criados, respectivamente, em 2000 e 2003.

Com o assassinato do produtor de eventos Jonathan Kiss, em 10 de setembro de 2000, e do cabeleireiro Edval Carvalho, em 20 de novembro de 2003,<sup>8</sup> os dois sindicatos passaram a tentar dar visibilidade à questão homossexual na região do Cariri, organizando, a partir de 2004, passeatas em prol da Cidadania Homossexual, aquelas conhecidas como Paradas do Orgulho *Gay*.

Dentre os desafios colocados para as associações, além da dificuldade de mobilização dos associados e simpatizantes, um dos entrevistados cita a confusão constante entre os homossexuais e os profissionais do sexo.

Nosso segundo instrumento de pesquisa seria o questionário com questões semiabertas, a ser respondido por cem pessoas. Nesse ponto da pesquisa, minha jovem orientanda, embora tenha idealizado a pesquisa, negou-se terminantemente a distribuir os questionários, achando-os numerosos demais, afirmando ser impossível levantar cem respondentes. Após alguma tensão, disse-lhe que eu poderia distribuir cem questionários, se necessário duzentos, tal o número potencial de respondentes na cidade de Crato. Qual não foi minha surpresa quando percebi que, a despeito da minha suposta disponibilidade, os questionários permaneceram descansando sobre minha escrivaninha por um ou dois meses. O que me afastava dos pretensos respondentes?

Afetado pelo silêncio, busquei interlocutores sobre o projeto. Entre eles, amigos próximos, afeitos à pesquisa acadêmica e à temática em particular. Deles, ouvi os seguintes comentários: “Que necessidade especial teria essa clientela específica que demandaria uma política pública para si?” Outro interlocutor diria: “Qual a relevância do tema? Por que não é encarado por pesquisadores que não coloquem sua sexualidade como questão?” Por que não por uma “velhinha da USP?” Tais observações catalisavam novos afetos em mim. Por que seria necessário destituir os contornos desse grupo? Tornar invisíveis suas demandas ou sua existência como objeto das ciências humanas? Desconheceriam meus interlocutores a busca de um sujeito da ciência menos masculino, branco e colonizador e a necessidade de um saber não sobre a diferença, mas que incorporasse a diferença à própria ciência, multiplicando pontos de vista, emergindo disputas sociais ao mesmo tempo que legitima novos sujeitos do saber? Desconheceriam ainda que a rede de serviços particulares abriga qualquer tipo de demanda, desde que se possa pagar por ela, mas que há clientes que não possuem acesso aos serviços particulares, adolescentes tutelados que dependem dos serviços públicos para acatar (ou não) suas demandas e que, nesse sentido, tem-se construído políticas públicas para mulheres, psiquiatrizados, crianças e adolescentes? Por que diante dessa nova clientela o Estado deve se calar, tornando as políticas públicas instrumento de esquecimento das diferenças?

Desafiado por meus interlocutores, passei a distribuir os questionários. Durante o processo, bem distante da situação ideal, a cada dez questionários distribuídos, recebia dois, no máximo quatro questionários de volta. Meus colaboradores pareciam ineficientes em mobilizar seus pares a partir dos comportamentos afetivos direcionados a pessoas do mesmo sexo, não sendo raros os casos em que os respondentes se ofendiam em ser convocados por tais hábitos. Não por serem tomados como praticantes deles, mas por serem abordados a partir deles. Um pretense respondente negou-se a responder dizendo: – “Eu não confio nessas coisas do governo.” Certo dia, uma colaboradora parecia bastante contente por, enfim, encontrar um meio de obter um maior número de questionários devolvidos: entregá-los em envelopes fechados, não identificados e recebê-los da mesma forma, após o preenchimento das respostas. Parecia fundamental para esse grupo não se anunciar, jamais ser abordado por suas práticas, mesmo que fosse por seus pretensos pares, tornando-se o mais invisível possível. Ao mesmo tempo, em uma direção aparentemente oposta a esse raciocínio, um conjunto de imagens, lugares de circulação e expressões parece ganhar espaço mesmo

fora dos círculos de pares. No entanto, a intenção não era captar clichês, mas abordar práticas. Nesse contexto, dos cem questionários distribuídos, apenas 51 foram devolvidos.

Como dissemos anteriormente, não é nossa intenção analisar as respostas dadas, intento realizado na monografia supracitada. No entanto, alguns itens parecem bastante significativos para o objeto ora em tela.

Dos 51 questionários, 35 respondentes (68,6%) afirmaram já ter sofrido algum tipo de violência devido à sua orientação sexual. Dentre as respostas, estão:

- Fui jogado de cima de um edifício, 3º andar;
- Agressões públicas com palavrões e tentativas de agressões físicas;
- Espancamento.

Dentre os que responderam nunca terem sofrido violência, chama a atenção a estratégia de não transparecer sua *opção sexual*. Como na repostas a seguir:

- “Não [sofri nenhum tipo de violência] devido a minha aparência física não apresentar a declaração da minha orientação.”

Assim, a distância entre afeto e expressão é mostrada como alternativa para a violência sofrida.

Os serviços de saúde parecem reproduzir a necessidade do silêncio, como podemos perceber nas seguintes respostas:

- “Um dia, fui pro Posto da Grota e a moça ‘me avisou’ ao médico dizendo que era a vez ‘daquela coisa’.”
- “O médico plantonista falou: hoje aqui só chega viado doente.”
- “Um médico falou que os homossexuais são a porta de entrada da Aids”.

Por fim, ao serem questionados por sugestões para a construção de políticas públicas para a assistência a pessoas com comportamentos homoeróticos, as respostas transitam entre ausência total de resposta (13,7%)



e respostas vagas e evasivas (27,4%). Contabilizando, juntas, abarca quase a metade dos questionários distribuídos (41,2%).<sup>9</sup>

Nas entrevistas a profissionais do sistema público de saúde, ressaltamos a dificuldade de um dos entrevistados em nomear o público por ele atendido, como se pode perceber nas falas seguintes:

- “Geralmente, a gente recebe muitas visitas desse público (pausa longa) dessas... é... é... é... pessoas aqui.”
- “Esse pessoal está fadado a levar porrada da sociedade.”
- A gente conversando com um deles...”
- Existe, entre eles e nós, ta entendendo, é uma barreira invisível.”

O mesmo entrevistado relata que existe certa dificuldade em trabalhar com pessoas com comportamentos homoeróticos devido ao forte estigma social que a temática carrega. Isso fica claro quando ele relata a reação de conhecidos seus quando o encontram:

- “Ei, rapaz, ta ta trabalhando com *gay*? Cuidado, viu, se não tu vai terminar virando *gay*.”

Em outro momento, o entrevistado deixa claro novamente seu incômodo em trabalhar com tal clientela:

- “Agente se torna um pouco íntimo [deles] – sorri e justifica – íntimo em conversa!”

É evidente que o halo de estigma que atinge o grupo se reflete no profissional entrevistado. Tal fato o obriga a pensar de si mesmo como alguém protegido por “uma barreira invisível”, cuja intimidade com sua clientela não ultrapassa os limites da fala.

Como se pode perceber, cada instrumento vai revelando zonas de silêncios características do grupo abordado. Vale salientar que, em um mesmo grupo, percebem-se alternâncias, variedades de posições, muitas vezes do mesmo respondente.

Essa variedade de possibilidades seria, por fim, abordada por ocasião da arguição da monografia em questão.

Nela um dos membros afirmou que, ao invés de tentarmos mapear as demandas do grupo, deveríamos nos preocupar em demonstrar como ele é diverso, e quais são as condições de possibilidade do esquecimento de suas diferenças.

Essa questão, aliada às zonas de silêncio levantadas, leva-nos a uma última série de reflexões:

Ao apontarmos tantos silêncios em um tom de quase denúncia, não estaríamos retomando o projeto de Pollak? Não estaríamos vinculando sistemas de sinais, gestos e posições sociais a uma prática afetiva entre homens? E, por fim, apontar a diversidade não implicaria eximir o Estado de políticas públicas contra a exclusão?

Para responder a tais questões, faz-se necessário pensar os sistemas de identificação não somente a partir do vivido, mas, como nos ensina Rolnik (1989), a partir da relação entre afetos, gestos de expressão e formação de territórios psicossociais. Simplesmente, em um tempo em que estamos constantemente encharcados de imagens, tendemos a confundir-las com as intensidades fundantes do desejo e, portanto, dos territórios psicossociais. Deleuze e Guatarri nos alertam sobre o perigo disso: já que a forma-estado tende a inundar o pensamento seduzindo o pensamento nômade, é necessário um deslocamento constante dos afetos, uma constante desterritorialização e reterritorialização dos códigos afetivos. Nessa perspectiva, para que exista o nomadismo, é necessário que exista o afeto. E de onde viria o silêncio senão do estado-em-nós? Da mesma forma, de onde viria o clichê senão da necessidade de se localizar, ainda que de maneira estigmatizante, em relação à forma-estado? Tais alternativas são muito úteis para a cartografia de nossos sujeitos, mas absolutamente inertes na construção de políticas públicas a partir do reconhecimento das diferenças.

Se a vida urbana, se a imagem de nordestino, se o excesso de relações face a face são empecilhos para a visualização das diferenças, é necessário anunciar-se a partir de uma nova rede de significados. Assim, talvez um dia, encurtemos as diferenças entre a dinâmica de nossas intensidades e o atendimento de nossas demandas.

## Notas

---

<sup>1</sup> A respeito da relação entre religião e medicina para a regulação da sexualidade contemporânea, ver Santos (2002).

<sup>2</sup> Jornal editado entre abril de 1978 e junho de 1981, com uma tiragem inicial de 10 mil exemplares. Para maiores informações sobre o jornal, leia-se o artigo citado (CEBALLOS; ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2004).

<sup>3</sup> A esse respeito, Albuquerque Jr. tem dado uma contribuição fundamental sobre o tema. Além do artigo previamente citado, leia-se: Albuquerque Júnior (1999a; 1999b; 2003).

<sup>4</sup> Entrevista concedida em 26 de abril de 1999, por ocasião da pesquisa referida anteriormente, citada em Marques (2004, p. 72).

<sup>5</sup> A esse respeito, Góis (2003) afirmou que os anos 90 (séc. XX) caracterizar-se-ão pela disputa da adequação da palavra homossexualidade para identificar a experiência de amantes do mesmo sexo, em uma tentativa de viragem conceitual.

<sup>6</sup> Crato é uma das principais cidades do Sul do Ceará, na região conhecida como Cariri.

<sup>7</sup> Pollak (1990), Green (2000), Parker (2002).

<sup>8</sup> Jonathan Kiss foi assassinado com um capacete e uma estatueta por dois mototaxistas em sua residência. O caso foi noticiado nacionalmente através do programa “Linha Direta”, da Rede Globo de Televisão, em 10 de janeiro de 2002. Edval Carvalho foi assassinado com quatro tiros de revólver, também em sua residência. É importante notar que, entre os anos de 2001 e 2004, 42 mulheres foram assassinadas no Cariri. Tal fato foi noticiado diariamente nos jornais de circulação estadual e nacional, sendo instaladas Delegacias da Mulher nas cidades de Juazeiro do Norte e Crato. A morte de Jonathan Kiss e Edval Carvalho, apesar de ter sido noticiada à exaustão, parece ter despertado reações institucionais bem mais restritas.

<sup>9</sup> Sobre o teor das sugestões recebidas, reportamos o leitor à monografia citada.

## Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Um leque que respira: a questão do objeto em história. In: PORTOCARRERO, Vera; CASTELO BRANCO, Guilherme (Org.). *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: Nau, 2000. p. 117-137.
- \_\_\_\_\_. O engenheiro de meninos: literatura e história de gênero em José Lins do Rêgo. *Lócus – Revista de História*, Juiz de Fora, v. 5, n. 1, p. 113-126, 1999a.
- \_\_\_\_\_. Quem é frouxo não se mete: violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino. *Projeto História*, São Paulo, n. 19, p. 173-188, nov. 1999b.
- \_\_\_\_\_. *Nordestino: uma invenção do falo*. Maceió: Catavento, 2003.
- ALCÂNTARA, Pe. Antônio. Psiquismo hermafrodita. *Itaytera – Revista do Instituto Cultural do Cariri*, Crato, n. 15, p. 33-36, 1971.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. São Paulo: Difel, 1989.
- CEBALLOS, Rodrigo; ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Trilhas urbanas, armadilhas humanas: a construção de territórios de prazer e de dor na vivência da homossexualidade masculina no Nordeste brasileiro dos anos 1970 a 1980. In: SCHPUN, Mônica Raisa (Org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004. p. 129-150.
- COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. Tratado de nomadologia: a máquina de guerra. In: \_\_\_\_\_. *Mil platôs, capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 1997. p. 11-110. v. 5.
- FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: \_\_\_\_\_. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 87-115.
- \_\_\_\_\_. Febrônio Índio do Brasil: onde cruzam a psiquiatria, a profecia, a homossexualidade e a lei. In: EULÁLIO, Alexandre et al. *Caminhos cruzados: linguagem, antropologia e ciências naturais*. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 65-81.
- GÓIS, João Bosco Hora. Desencontros: as relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 289-297, 2003.
- GUATARRI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 84-85.
- GREEN, James. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Unesp, 2000.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, 1997.
- MAcRAE, Edward. Os respeitáveis militantes e as bichas loucas. In: EULÁLIO, Alexandre et al. *Caminhos cruzados: linguagem, antropologia e ciências naturais*. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 99-113.
- \_\_\_\_\_. Afirmção da identidade homossexual: seus perigos e sua importância. In: TRONCA, Ítalo. *Foucault vivo*. Campinas: Pontes, 1987. p. 81-88.

- MARQUES, Roberto. *Contracultura, tradição e oralidade: (re)inventando o sertão nordestino na década de 70*. São Paulo: Annablume, 2004.
- NOGUEIRA, Alline de Oliveira. *Saúde coletiva, homoerotismo e cidadania: avaliando a construção e Prática dos serviços de saúde a clientes com comportamentos homoeróticos no município de Crato – CE*. Crato, 2005. Monografia (TCC/Enfermagem) – Universidade Regional do Cariri, Crato, 2005.
- PARKER, Richard. *Abaixo do Equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- PELBART, Peter Pal. Manicômio mental: a outra face da clausura. *Saúde Loucura*, São Paulo, n. 2, p. 131-139, 1990.
- PERLONGHER, Nestor. O desaparecimento da homossexualidade. *Saúde Loucura*, São Paulo, n. 3, p. 39-47, 1991.
- \_\_\_\_\_. O michê é homossexual? ou: a política da identidade. In: TRONCA, Ítalo. *Foucault vivo*. Campinas: Pontes, 1987. p. 67-80.
- POLLAK, Michael. Memória, silêncio e esquecimento. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-16, 1989.
- \_\_\_\_\_. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-216, 1992.
- POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade do gueto? In: ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André (Org.) *Sexualidade ocidental*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 54-76.
- \_\_\_\_\_. *Os homossexuais e a Aids: sociologia de uma epidemia*. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- SANTOS, Ana Cristina. Sexualidades politizadas: ativismo nas áreas da Aids e orientação sexual em Portugal. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 595-611, maio/jun. 2002.

